

# O QUE FAZ CORRER TEERÃO?

José Luís Alves

**D**ia após dia, a polémica sobre o projecto nuclear iraniano tem vindo a ganhar importância na agenda internacional. Enquanto o caso é debatido no Conselho de Segurança da ONU, a radicalização de parte a parte parece apontar para uma confrontação militar num futuro próximo, mas ainda restam algumas possibilidades de travar o seu enorme potencial destrutivo. Os riscos que lhe estão associados, nomeadamente a possibilidade de alastrar rapidamente aos países vizinhos, transformando-se numa ameaça permanente à estabilidade regional, bem como as nefastas consequências que pode implicar a nível global, obrigam as partes a medir cuidadosamente os custos e benefícios de todas as alternativas. Para compreender a situação actual e a dinâmica de todo o processo, é necessário procurar as motivações e objectivos dos principais actores, em especial do Irão e dos EUA, mas também os aspectos internos, regionais e globais que condicionam a sua acção. Nesse sentido, é fundamental traçar uma breve resenha histórica do comportamento recente de Teerão, e não só sobre o programa nuclear, já que as dificuldades em conhecer as verdadeiras intenções dos dirigentes iranianos são muitas vezes potenciadas pelo seu dúbio posicionamento.

## O PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO

Os primeiros passos para desenvolver conhecimentos sobre a energia nuclear no Irão foram dados no final dos anos 50, com a criação do Centro de Pesquisa Nuclear de Teerão. Gerido pela Organização de Energia Atómica do Irão, o Centro recebeu em 1967 um reactor de pesquisa, fornecido pelos EUA, bem como diverso material indispensável para o seu funcionamento. No ano seguinte, o Irão foi um dos signatários originais do Tratado de Não-Proliferação de Armas Nucleares (TNP), que ratificou em 1970, passando a desenvolver um programa nuclear experimental. Após um estudo do Stanford Research Institute<sup>1</sup>, que previa um rápido crescimento populacional e um consequente aumento na procura de energia eléctrica, ter recomendado a construção de centrais nucleares com capacidade para produzir 20 mil megawatts até 1990, o Irão aproveitou os rendimentos adicionais que obtinha com a primeira crise petrolífera para desenvolver um ambicioso

programa de produção de energia baseado no nuclear. O contrato para a construção de duas centrais nucleares em Bushehr, assinado em 1976 com firmas alemãs, foi seguido de um acordo com a França para erguer mais duas centrais em Darkhovin, prosseguindo em simultâneo negociações para a compra de pelo menos mais oito aos EUA. A implementação de todo o projecto foi travada pela descida dos preços do petróleo e o emergir da crise social e económica que culminaria na Revolução Islâmica, mas, mesmo num contexto desfavorável, o Irão manteve algum investimento no sector, e a concretização de um vasto acordo de cooperação com os EUA parecia iminente no final de 1978.

Visto inicialmente pelo novo regime como mais um dos projectos megalómanos do xá Reza Pahlevi, o programa nuclear iraniano foi consideravelmente retardado após a Revolução Islâmica. O Irão começou por desistir das centrais em Darkhovin, mas, tendo em conta que a construção em Bushehr já se encontrava numa fase muito avançada, optou pela conclusão de pelo menos uma das duas centrais previstas para o local. No entanto, rapidamente se sucederam os desentendimentos com as firmas envolvidas na construção, tornando-se evidente que o novo regime iraniano dificilmente conseguiria assegurar a conclusão das obras. Os construtores recusaram sempre a entrega dos reactores e outros componentes já pagos, e o crescente isolamento a que o Irão estava sujeito na cena internacional inviabilizava qualquer alternativa. Os trabalhos na central, suspensos desde Setembro de 1980, não seriam retomados durante a década seguinte, até porque Bushehr se transformou num alvo apetecível e uma importante parte do complexo foi destruída pelos bombardeamentos iraquianos.

Ainda durante a guerra com o Iraque, mas com mais consistência após o conflito ter terminado, o Irão tentou reactivar o programa nuclear, alegando que esta opção se devia apenas à dificuldade crónica em assegurar um adequado fornecimento de energia eléctrica a uma população em rápido crescimento. Nesse sentido, procurou comprar os componentes essenciais à reconstrução do complexo de Bushehr, mas, nos anos seguintes, todas as tentativas para encontrar um parceiro foram infrutíferas. Inviabilizadas as alternativas no Ocidente devido às dificuldades financeiras e à forte pressão internacional, sempre liderada pelos EUA, o Irão foi forçado a diversificar os contactos para retomar o projecto. Depois de assinarem um primeiro protocolo, ainda no tempo da URSS, Teerão e Moscovo iniciaram uma colaboração que conduziu aos acordos de 1995, em que a Rússia se comprometeu a completar a construção de um primeiro reactor em Bushehr no prazo de cinco anos. A pressão exercida pelos EUA, insuficiente para travar por completo o projecto, contribuiu decisivamente para o limitar, pois inicialmente este também contemplava o fornecimento de urânio, reactores de pesquisa, centrifugadoras e formação adequada aos cientistas iranianos. No entanto, se a conclusão do primeiro reactor em Bushehr foi consideravelmente retardada por um conjunto de dificuldades financeiras e técnicas, o Irão continuou a construir uma série de instalações<sup>2</sup> para desenvolver um programa mais alargado. Na verdade, enquanto o projecto de Bushehr tem um impacto limitado, já que a Rússia poderá fornecer e receber de volta todo o urânio enri-

quecido a utilizar na central, este programa permitirá ao Irão controlar todo o ciclo de produção nuclear e, com o seu aperfeiçoamento, adquirir a capacidade para produzir um arsenal nuclear com os seus próprios meios.

Em 2002, numa fase em que a Agência Internacional da Energia Atómica (AIEA) já supervisionava o programa, Teerão foi forçado a reconhecer que, sem dar conhecimento à organização, desenvolvera uma central de enriquecimento de urânio, em Natanz, e um reactor experimental alimentado a água pesada, em Arak. Depois de inspeccionar as instalações, a AIEA considerou que Teerão estava a desrespeitar o TNP ao não comunicar as construções, e a França, o Reino Unido e a Alemanha (UE-3) passaram a liderar as negociações. Entre avanços e recuos, o Irão assinou um protocolo em que permitia inspecções sem aviso prévio e suspendia o enriquecimento de urânio, afirmando que estas medidas eram um gesto de boa vontade para restabelecer a confiança mútua até se confirmar a natureza civil do projecto.

### **A COMPONENTE MILITAR**

Apesar de o Irão ter sempre afirmado que agia de acordo com o TNP, e que o seu programa nuclear era destinado exclusivamente ao sector civil, são antigas as dúvidas sobre as reais intenções de Teerão. Após ter assinado o TNP, o xá procurou desenvolver um programa secreto para a utilização do nuclear a nível militar, pois via na aquisição da bomba atómica uma grande possibilidade de afirmar a importância do Irão no contexto regional. Pretendia, pelo menos, estar preparado para responder ao avanço de algum dos estados vizinhos e, para isso, investiu na formação de jovens cientistas no estrangeiro e na extracção e enriquecimento de urânio. Após a Revolução Islâmica, apesar do ayatollah Khomeini considerar o programa nuclear do xá uma consequência do domínio norte-americano sobre o Irão, a pesquisa nunca foi completamente abandonada e o controlo de todos os programas de Armas de Destruição Maciça (ADM) foram entregues aos Guardas da Revolução.

A guerra com o Iraque, a «Sagrada Defesa», provocou milhares de mortos e grande destruição devido à utilização maciça de mísseis contra cidades, marcando decisivamente as decisões estratégicas de Teerão. Vítima de ataques com armamento químico perante a indiferença da comunidade internacional, o Irão compreendeu as consequências do isolamento a que estava sujeito, concluindo que só podia confiar nas suas próprias capacidades para repelir um ataque externo. Também o mito de que o fervor religioso dos mártires da revolução os transformava numa força invencível foi completamente desfeito pela evolução da guerra, obrigando a uma profunda rees-

APÓS A REVOLUÇÃO ISLÂMICA, APESAR DO AYATOLLAH KHOMEINI CONSIDERAR O PROGRAMA NUCLEAR DO XÁ UMA CONSEQUÊNCIA DO PREDOMÍNIO NORTE-AMERICANO SOBRE O IRÃO, A PESQUISA NUNCA FOI COMPLETAMENTE ABANDONADA E O CONTROLO DE TODOS OS PROGRAMAS DE ARMAS DE DESTRUIÇÃO MACIÇA (ADM) FORAM ENTREGUES AOS GUARDAS DA REVOLUÇÃO.

truturação da composição e da organização das forças de defesa iranianas, nomeadamente a uma nova valorização da importância do material militar e da incorporação de tecnologia nesses equipamentos. Como a guerra terminou sem um acordo de paz e Saddam Hussein se manteve no poder, o Iraque continuou a ser a principal ameaça à segurança do Irão, e as suspeitas de que Bagdad desenvolvia um programa nuclear causavam grande alarme em Teerão. Para ter capacidade de resposta à ameaça iraquiana, o Irão atribuiu particular importância a dois factores distintos, mesmo contraditórios, na definição da sua política externa. Por um lado, tentou inserir-se na comunidade internacional e melhorar as relações com a generalidade dos países, em especial após Mohammad Khatami ter chegado à presidência, mas, simultaneamente, procurou reorganizar e modernizar as Forças Armadas, revolucionando a sua capacidade de projecção de força. Adquirir capacidade para produzir armamento nuclear ou, pelo menos, desenvolver competências que coloquem o Irão numa posição privilegiada para o fabricar no curto prazo, caso seja necessário, pode ser considerado um passo fundamental para assegurar essa modernização.

Sendo óbvio que, caso exista, a componente militar nunca será revelada voluntariamente pelos dirigentes iranianos antes de atingir os seus objectivos, ainda não foi possível provar a sua existência. Numa recente comunicação<sup>3</sup> ao Conselho de Governadores da AIEA, o director-geral da organização, Mohamed ElBaradei, confirmou que, após três anos de intensas investigações, a agência não encontrou indícios de uma componente militar, mesmo que subsistam dúvidas sobre o âmbito e a natureza do programa. No entanto, se é aceitável, como afirmam os diplomatas iranianos<sup>4</sup>, que o Irão perderia capacidade de manobra com a aquisição de armamento nuclear, já que, sendo mais poderoso que os seus vizinhos, necessita mais de ganhar a sua confiança do que de os assustar, Teerão também poderia tirar óbvios dividendos por aceder a um clube tão restrito.

## **O COMPORTAMENTO DO IRÃO NA CENA INTERNACIONAL**

Convencidos de que a importância geoestratégica, o potencial humano e os recursos naturais que o país dispõe lhe deveriam assegurar uma posição de predominância na

cena regional, os dirigentes iranianos concluíram que o isolamento internacional a que se tinham sujeitado constituía a principal objecção à obtenção desse estatuto. Por isso, o pragmatismo foi substituindo o aventureirismo que caracterizava as tentativas de exportação da Revolução Islâmica, e as decisões de política externa passaram a ser cada vez mais definidas em função do

O PRAGMATISMO FOI SUBSTITUINDO  
O AVENTUREIRISMO QUE CARACTERIZAVA  
AS TENTATIVAS DE EXPORTAÇÃO DA REVOLUÇÃO  
ISLÂMICA, E AS DECISÕES DE POLÍTICA EXTERNA  
PASSARAM A SER CADA VEZ MAIS DEFINIDAS  
EM FUNÇÃO DO INTERESSE NACIONAL E DA  
MANUTENÇÃO NO PODER DO REGIME VIGENTE.

interesse nacional e da manutenção no poder do regime vigente. Desenvolvendo e diversificando contactos a nível regional e global, o Irão tentou demonstrar que não tem

ambições expansionistas, procurando antes afirmar-se como um factor de estabilidade, em especial perante os seus vizinhos. Neste processo, de que apenas foram completamente excluídos os EUA e Israel, o Irão conseguiu ultrapassar alguns bloqueios, inclusivamente internos, mas o relacionamento conflituoso com a potência dominante continuou a impedir a sua completa afirmação na cena internacional. Se a polémica sobre o programa nuclear e algumas declarações do Presidente Ahmadinejad podem afectar a confiança dos restantes actores, provocando um considerável desgaste no processo de integração e na capacidade de acção da diplomacia iraniana, Teerão ainda não esqueceu as dificuldades resultantes de um completo isolamento internacional e actuará de forma a evitar uma nova situação de marginalização.

Tendo em conta a vasta zona em que se insere, o Irão foi obrigado a procurar diferentes estratégias para lidar com os problemas que enfrenta na cena internacional, mas a melhoria das relações com os vizinhos tem constituído a tendência geral da sua actuação. Para o conseguir, a política externa do Irão deixou de incluir a defesa das comunidades xiitas como componente fundamental, apesar de continuar a utilizar o apoio à causa palestiniana como bandeira para se afirmar no mundo islâmico. Nas relações com os países do golfo Pérsico, marcadas pela dupla clivagem étnica e sectária, o Irão procurou desenvolver contactos diplomáticos e promover acções conjuntas, mesmo a nível militar, numa clara tentativa de isolar o Iraque e associar a instabilidade na zona à presença das forças militares dos EUA. O desanuviamento das relações com a Arábia Saudita, com quem assinara um acordo de segurança em Abril de 2001, é o expoente máximo dessa política, também visível na normalização e no desenvolvimento das relações com os restantes estados do Golfo. O desanuviamento também tem marcado o relacionamento entre o Irão e os países com quem partilha fronteiras terrestres, sendo claras as intenções de desenvolver contactos diplomáticos e projectos de cooperação económica envolvendo a Turquia e o Paquistão. A oposição aos Taleban reforçou as credenciais de Teerão entre os vizinhos, em especial nos que temem o alastrar do fundamentalismo sunita, e propiciou o intensificar dos contactos com a Rússia e a Índia, dando origem a uma colaboração que pretende potenciar a possibilidade de acção conjunta na Ásia Central e a criação de um canal privilegiado de transportes entre o Sul da Ásia e a Europa. Também as relações com a China conheceram um importante desenvolvimento, com o interesse de Pequim em assegurar o acesso privilegiado às fontes de abastecimento energético a coincidir com os objectivos comerciais de Teerão.

### **O QUE FAZ CORRER TEERÃO?**

Existindo um processo negocial em curso entre o Irão e a comunidade internacional, representada pelo UE-3, importa tentar compreender as razões da actual radicalização de posições entre as partes. O Irão atribui as dificuldades à pressão exercida pelos EUA que, desrespeitando o artigo 4 do TNP, tentam limitar os seus direitos inalienáveis de pesquisar, produzir e utilizar a energia nuclear para fins pacíficos. Para o Irão, esse direito foi

reafirmado pelo UE-3 no Acordo de Paris, o que levou Teerão a aceitar voluntariamente a suspensão temporária de diversas actividades e a aplicação do Protocolo Adicional. No entanto, quando a incapacidade das partes para chegar a um acordo se tornou evidente, o Irão reafirmou o carácter voluntário e transitório das medidas, quebrou os selos das suas instalações e retomou as actividades suspensas, o que levou a AIEA a enviar o caso para o Conselho de Segurança das Nações Unidas. Para lá das justificações oficiais, o actual posicionamento dos dirigentes iranianos é condicionado por diversos factores, internos e externos, que contribuem em diferentes graus para a decisão de manter o programa nuclear e enfrentar a crescente pressão da comunidade internacional.

O funcionamento do sistema político iraniano, com complexas relações pessoais e institucionais, conseguiu assegurar até hoje a evolução e a continuidade do regime, mas a acomodação dos interesses dominantes tem sido acompanhada por uma repressão violenta e pela marginalização de vastos sectores da sociedade. A derrota dos reformadores foi conseguida afastando alguns dos candidatos mais incómodos dos actos eleitorais, mas também aproveitando o desencanto acumulado pelos reduzidos efeitos práticos das reformas de Khatami. Conquistando sucessivas vitórias, os conservadores asseguram agora o controlo de todo o aparelho do Estado, mas sentem grandes dificuldades em corresponder às aspirações de uma população maioritariamente jovem e com um grau de exigência cada vez mais elevado. Evitar a acumulação de factores de tensão interna, de forma a assegurar a estabilidade do regime, é uma prioridade dos dirigentes iranianos, que procuram equilibrar a contradição fundamental entre a herança conservadora e radical da Revolução Islâmica e a modernidade reclamada por alguns sectores da população. Neste contexto, o desenvolvimento do programa nuclear é visto em Teerão como um passo importante para assegurar o acesso a novas tecnologias, promovendo o crescimento económico essencial para evitar maiores tensões sociais e, simultaneamente, unindo a população em torno de um projecto nacional e do regime que o promove.

A actual aposta de Teerão no programa nuclear também é fortemente motivada por razões económicas. O elevado preço do petróleo funciona aqui como uma dupla alavanca para potenciar o interesse iraniano, fornecendo os recursos necessários para que o projecto avance, mas contribuindo também para tornar a sua realização mais urgente. A dependência do petróleo e do gás para a produção de energia eléctrica consome uma parte importante da produção iraniana, reduzindo a quantidade disponível para exportação e a entrada de divisas, um desperdício que aumenta cada vez que o preço do barril sobe no mercado internacional.

As recentes mudanças no cenário regional em que o Irão se insere, em especial a crescente presença militar dos EUA nos países limítrofes, não podiam deixar de marcar as opções dos dirigentes iranianos. Paradoxalmente, a política norte-americana para a região após o 11 de Setembro, afastando do poder os Taleban e Saddam Hussein, coincidia com velhos objectivos de Teerão, eliminando as principais ameaças externas à República Islâmica. A inclusão no «Eixo do Mal» sugeria a possibilidade de o país vir a ser confrontado

com uma crescente pressão norte-americana, mas Teerão manteve uma abordagem pragmática da situação, demonstrando pouco interesse em contrariar abertamente o avanço dos EUA. Mesmo tendo alguma capacidade para influenciar o desenrolar dos acontecimentos no Afeganistão ou no Iraque, Teerão não ofereceu uma oposição directa aos EUA, consciente de que a utilização dessa capacidade, sustentada por laços étnicos e religiosos, potenciaria as fracturas internas nesses países, pondo em risco a estabilidade regional e a própria coesão interna do Irão. No entanto, o cerco norte-americano, juntando novas bases militares em quase todos os vizinhos do Irão à tradicional presença naval no golfo Pérsico, representa uma ameaça bem mais poderosa à República Islâmica do que a do Iraque de Saddam Hussein, constituindo um forte incentivo ao reforço das suas capacidades militares. Comparando a forma como os EUA lidaram com a Coreia do Norte e o Iraque, os outros dois membros do «Eixo do Mal», os dirigentes iranianos concluem que não é a existência de um programa nuclear, civil ou militar, que determinará uma acção militar dos EUA, e que, pelo contrário, a obtenção do estatuto nuclear pode constituir uma garantia para evitar o mesmo destino de Saddam Hussein.

Os erros da diplomacia norte-americana durante a preparação da guerra com o Iraque, bem como as dificuldades que tem vindo a enfrentar no terreno, fazem com que a sua presença na região seja vista pela linha dura do regime iraniano não só como uma ameaça, mas também como uma oportunidade. Com uma importância económica e geoestratégica muito maior que o Iraque e sem estar sujeito ao isolamento profundo que Saddam Hussein enfrentava, o Irão sente que tem mais capacidade para dificultar a acção da diplomacia norte-americana, elevando consideravelmente o preço político que os EUA terão de pagar por uma intervenção militar. Nesse sentido, procuram demonstrar vontade de negociar e insistem na natureza civil do seu programa nuclear, de forma a limitar a capacidade de pressão dos norte-americanos, já afectada pela desastrosa gestão da crise iraquiana. Por outro lado, Teerão está atento ao desgaste que o arrastar do conflito produz na sociedade norte-americana, seja a nível social ou económico, e que afecta directamente a capacidade de os EUA se envolverem em simul-

tâneo noutras acções semelhantes, concluindo que é pouco provável que arrisquem a colocação de tropas em solo iraniano enquanto se mantiver a actual conjuntura. Mesmo sabendo que este conjunto de debilidades momentâneas não impedirá os EUA de agir, seja a nível militar ou diplomático, os dirigentes iranianos acreditam que os riscos da inacção são maiores que os da acção, pois se esperarem pela estabilização do Iraque poderão ser o próximo alvo da máquina de guerra norte-americana. Tendo como objectivo central a sobrevivência a longo prazo da República Islâmica, consideram ser este o momento adequado para acelerar o pro-

NESTAS CONDIÇÕES, E DISPONDO JÁ DE UM CONJUNTO DE IMPORTANTES CAPACIDADES NO SECTOR DOS MÍSSEIS BALÍSTICOS, O IRÃO PODERÁ TRANSFORMAR-SE RAPIDAMENTE NUMA POTÊNCIA NUCLEAR COM CONSIDERÁVEL CAPACIDADE DE PROJECCÃO DE FORÇA.

grama nuclear, desenvolvendo um conjunto de competências que coloquem o Irão muito próximo de adquirir o domínio de todo o ciclo nuclear. Nestas condições, e dispondo já de um conjunto de importantes capacidades no sector dos mísseis balísticos, o Irão poderá transformar-se rapidamente numa potência nuclear com considerável capacidade de projecção de força.

### **UMA CRISE ANUNCIADA**

A vocação civil ou militar do programa nuclear iraniano, apesar de muito discutida, deverá ter poucas implicações para a evolução dos acontecimentos, já que, independentemente das reais intenções de Teerão, será a forma como elas são interpretadas pelos outros actores que determinará a resposta de cada um deles. Considerando a inclusão do Irão no «Eixo do Mal» logo após o 11 de Setembro, quando a política externa de Khatami ainda propunha o Diálogo de Civilizações, não restam dúvidas sobre a interpretação que os EUA fazem do programa nuclear iraniano, faltando saber se ela será partilhada pela generalidade da comunidade internacional. Até hoje, não foi possível reunir um consenso sobre a forma de lidar com o problema, existindo uma preocupação generalizada com a evolução dos acontecimentos em Teerão mas também com as possíveis implicações globais do agravar da crise na região. Se os efeitos económicos negativos da crise foram sentidos de imediato, nomeadamente com a subida das cotações do petróleo, os próximos capítulos terão importantes consequências para o desenvolvimento das relações internacionais a médio e longo prazo. Existem, no essencial, duas hipóteses teóricas de evolução, consoante o Irão mantenha ou abandone o seu projecto nuclear, mas a complexidade das variáveis envolvidas possibilita a emergência de diferentes cenários em qualquer uma delas.

Actualmente, com a passagem do *dossier* iraniano para o Conselho de Segurança, intensificam-se os contactos diplomáticos para assegurar a aprovação de medidas concretas pelos membros com direito de veto. Os EUA lideram, naturalmente, a pressão para que sejam adoptadas medidas mais duras, mas enfrentam dificuldades para reunir o consenso indispensável à sua aprovação, em especial devido às resistências expressas pela Rússia e pela China. O apoio unânime das principais potências é essencial para que a pressão sobre Teerão tenha alguma hipótese de sucesso, mas os interesses estratégicos e económicos de Moscovo e Pequim podem colidir com as pretensões norte-americanas e afectar seriamente a credibilidade e a eficácia das medidas. Por outro lado, se não for possível um consenso sobre os meios a utilizar e Teerão persistir na manutenção do programa nuclear, é muito provável que os EUA avancem para uma acção militar mesmo sem a aprovação da ONU. O comportamento do Irão, fazendo crer que encara qualquer contramedida como uma declaração de guerra, torna a situação particularmente delicada. Os desenvolvimentos mais recentes sugerem um endurecimento das posições de cada parte, com uma conseqüente escalada no clima de tensão, o que torna mais provável a evolução da crise para um conflito militar.



Apesar de as ambições de Teerão preocuparem a generalidade da comunidade internacional, os EUA são particularmente importantes para os desenvolvimentos futuros, não só devido ao seu estatuto de superpotência, mas também às políticas e interesses que defendem a nível regional e global. As novas prioridades da política externa norte-americana após o 11 de Setembro, mesmo coincidindo com os interesses imediatos do Irão, não diluíram um historial de conflitos entre os dois países<sup>5</sup>, e só uma profunda alteração da estrutura de poder em Teerão ou uma reestruturação dos objectivos dos EUA poderá evitar um confronto directo a médio prazo. Neste contexto, em que o Irão é considerado a principal ameaça à revolução política que pretende implementar na região, Washington contava resolver a questão iraquiana antes de ter de se preocupar com o objectivo seguinte, e os sectores mais optimistas consideravam mesmo que o sucesso do processo de democratização no Iraque conduziria ao colapso do regime iraniano. No entanto, a evolução dos acontecimentos após o afastamento de Saddam Hussein não correspondeu de imediato a essas expectativas e, pelo contrário, contribuiu para o reforço das posições dos conservadores e conduziu ao endurecimento do regime iraniano. A instabilidade e o caos que sopram de Bagdade, em conjunto com os excessos dos militares da coligação, são profundamente documentados na imprensa, favorecendo mais o populismo de Mahmoud Ahmadinejad do que qualquer membro da oposição. Confrontado com uma ameaça crescente, e perante a incapacidade de Washington para provocar uma rápida mudança no sentido desejado, o regime iraniano consolidou posições em torno dos sectores mais conservadores, inviabilizando qualquer mudança com origem no seu interior. Mas, mesmo que o programa nuclear iraniano seja entendido apenas como o detonador de uma crise anunciada, sendo pouco importante saber se tem um objectivo civil ou militar, as suas implicações no equilíbrio regional e o impacto que pode ter no comportamento dos restantes actores implica uma resposta rápida por parte dos EUA.

A simples visão de um Irão com capacidade nuclear é um verdadeiro pesadelo para Washington, não só por representar uma ameaça directa aos seus interesses e aos dos seus aliados na região, mas também devido ao potencial de proliferação que encerra, seja a possibilidade de o Irão contribuir para o desenvolvimento de mais «bombas islâmicas» ou a necessidade que os vizinhos possam sentir de responder directamente ao avanço de Teerão. Se, no primeiro caso, mesmo que Ahmadinejad declare o contrário, os riscos de proliferação são limitados, e o Irão tenderá a utilizar as novas capacidades como forma de aumentar a sua influência, uma corrida regional à bomba atómica é uma ameaça bem real. Alguns países da região, mesmo os que contam com o apoio dos EUA, como Israel ou o Paquistão, poderão sentir necessidade de aumentar as suas capacidades, enquanto outros, como a

MESMO QUE O PROGRAMA NUCLEAR IRANIANO SEJA ENTENDIDO APENAS COMO O DETONADOR DE UMA CRISE ANUNCIADA, AS SUAS IMPLICAÇÕES NO EQUILÍBRIO REGIONAL E O IMPACTO QUE PODE TER NO COMPORTAMENTO DOS RESTANTES ACTORES IMPLICA UMA RESPOSTA RÁPIDA POR PARTE DOS EUA.

Arábia Saudita, a Turquia e o Egipto, terão um forte incentivo para desenvolver um programa nuclear próprio. Mesmo que as limitações económicas impeçam o Irão de entrar numa corrida aos armamentos nucleares com as principais potências, o equilíbrio regional será profundamente alterado, e a capacidade de acção dos EUA e de Israel consideravelmente afectada. Washington teme particularmente que uma nova relação de forças no Médio Oriente condicione decisivamente o desenrolar do conflito israelo-palestiniano, mas também a desestabilização de todo o golfo Pérsico, uma região vital para o abastecimento energético a nível global.

### **A ACÇÃO MILITAR E AS SUAS CONSEQUÊNCIAS**

Caso o clima de tensão se agrave e a confrontação militar se torne inevitável, é pouco provável que os EUA ou uma coligação internacional se decidam por uma operação militar que envolva uma efectiva ocupação do território iraniano. Tendo em conta as características do Irão, uma operação do género da que derrubou Saddam Hussein poderia ter custos humanos demasiado elevados, pelo que, se o verdadeiro objectivo for travar ou atrasar consideravelmente o programa nuclear iraniano, qualquer acção deverá centrar-se na destruição das suas infra-estruturas. Trata-se, mesmo assim, de uma tarefa extremamente complicada, não só porque não é certo que se conheçam todas as instalações do programa, mas também porque elas estão dispersas por todo o território, em centros populacionais importantes ou em bunkers no subsolo. Se as limitadas capacidades de defesa do Irão não constituem um obstáculo intransponível à realização dessa tarefa, é necessário destruir também a sua capacidade para contra-atacar, nomeadamente os meios navais, aéreos e as bases de lançamento de mísseis, o que transformará qualquer acção numa operação militar de considerável envergadura. Mesmo que seja possível concluir com um sucesso assinalável todas estas tarefas, o Irão continuará a dispor de um conjunto de meios não-convencionais para responder ao ataque, sendo de esperar o agravar da situação no Iraque, na Palestina e no Afeganistão e ataques que afectem o fornecimento de petróleo. Noutra contexto, a dupla diferenciação persa e xiita poderia ser explorada para promover o isolamento do Irão na cena regional, mas esse efeito estará comprometido pelo desgaste que o reposicionamento das forças norte-americanas tem produzido na opinião pública dos países islâmicos. A capacidade de Teerão para tirar partido deste descontentamento não deve ser desprezada, em especial nos países onde exista uma importante comunidade xiita, o que potencia a probabilidade de se desenvolverem movimentos de oposição interna aos governos pró-ocidentais da região.

Neste cenário, um ataque de Israel contra as instalações nucleares iranianas pode ser uma alternativa à acção militar dos EUA ou de uma coligação internacional. Israel sente-se particularmente ameaçado pela possibilidade de o Irão se dotar de armamento nuclear, não só devido às declarações provocatórias da liderança iraniana, mas também porque considera fundamental para a sua segurança manter a exclusividade desse tipo de armamento na região. Uma acção militar de Israel, semelhante ao ataque contra o

complexo nuclear iraquiano de Osarik, será sempre uma possibilidade em aberto, mas a distância e a dispersão das instalações iranianas levantam dificuldades logísticas. Mesmo que seja possível a realização de uma operação deste tipo sem a participação dos norte-americanos, um ataque por parte de Israel seria sempre visto como uma acção conjunta com os EUA, e poderia facilmente resultar numa escalada do conflito que, mais cedo ou mais tarde, conduziria ao seu envolvimento directo. Com estas condicionantes, e tendo em conta as implicações que uma acção militar unilateral por parte de Israel teria nos países vizinhos, os EUA deverão manter a mesma política que usaram durante anteriores conflitos, preocupando-se mais em conter e proteger Israel do que a promover o seu envolvimento no conflito.

A médio e longo prazo, os efeitos práticos de uma acção militar limitada contra o programa nuclear iraniano poderão ser reduzidos, se não mesmo contraproducentes. Em vez de enfraquecer as estruturas do poder, este tipo de ataque aumentará a coesão nacional em torno do regime e contribuirá para um endurecimento das posições de Teerão.

A nível interno, o nacionalismo e a religião serão utilizados como factores unificadores e a oposição, caso ainda sobreviva, será violentamente reprimida. O programa nuclear poderá sofrer um atraso significativo, mas dificilmente será abandonado de forma voluntária e, pelo contrário, o Irão sentirá uma atracção irresistível para apostar todos os recursos disponíveis no desenvolvimento da sua componente militar. Neste contexto, a emergência de um Irão dotado de armamento nuclear será uma questão de tempo e, para o evitar, será necessário repetir continuamente os ataques, esperando o momento oportuno para afastar em definitivo o regime iraniano. A instabilidade na região perdurará durante anos, pois o Irão tudo fará para que o conflito não se limite a ataques contra o seu território e existirá, em qualquer altura, o perigo de o conflito tomar proporções incontroláveis, especialmente se o Irão algum dia conseguir desenvolver armamento nuclear.

UMA ACÇÃO MILITAR DE ISRAEL, SEMELHANTE AO ATAQUE CONTRA O COMPLEXO NUCLEAR IRAQUIANO DE OSARIK, SERÁ SEMPRE UMA POSSIBILIDADE EM ABERTO, MAS A DISTÂNCIA E A DISPERSÃO DAS INSTALAÇÕES IRANIANAS LEVANTAM DIFICULDADES LOGÍSTICAS.

### **POSSIBILIDADES DE COMPROMISSO**

Mesmo existindo claros sinais de que a intransigência de ambas as partes pode conduzir a uma rápida escalada para um conflito militar, existem ainda algumas possibilidades de assegurar uma solução de compromisso. A sua viabilidade está dependente da forma como os actores assimilam os riscos de um eventual conflito, bem como da vontade que demonstrem ao longo do processo para alterar as estratégias que têm vindo a seguir. Será essencial que as partes abduquem de algumas exigências, concentrando-se mais nos seus objectivos prioritários do que na possibilidade de desferir um forte golpe num oponente directo.

O Irão, que tem como prioridades a manutenção do regime e o controlo de todo o ciclo nuclear, terá de dar garantias adicionais sobre o programa, que podem passar pelo controlo conjunto de partes do complexo e a suspensão do enriquecimento de urânio, admitindo ainda inspecções sem precedentes, que permitam assegurar o carácter exclusivamente civil do projecto. Sendo uma solução que não agrada ao Irão, que não tem demonstrado disponibilidade para aceitar estas exigências sem contrapartidas, será necessária uma forte pressão da comunidade internacional, tornando claro a Teerão que pagará um preço demasiado elevado pela manutenção de um programa de contornos dúbios. Mas, para que os dirigentes iranianos possam ter interesse numa opção deste género, terá de lhes ser assegurado que recebem contrapartidas, nomeadamente a assistência prevista no TNP, uma plena integração no comércio internacional e o fim de todo o tipo de bloqueios ao seu desenvolvimento económico. Continuar a desenvolver competências próprias no campo nuclear, mesmo que limitadas, mantendo o Irão em boa posição para desenvolver esses programas mais tarde caso sinta necessidade, poderá ser uma opção aceitável para Teerão, em especial se for acompanhada pela promessa de um forte crescimento económico que ajude a responder às necessidades internas.

Derrubar definitivamente o regime iraniano é um dos objectivos centrais da política dos EUA para a região após o 11 de Setembro. O Irão não só é governado por um dos regimes que mais se opôs às políticas de Washington durante as últimas décadas, como se encontra numa posição geoestratégica fundamental para controlar a entrada no golfo Pérsico e as rotas de acesso à Ásia Central, funcionando como um profundo travão à rentabilização do investimento efectuado no Iraque. No entanto, num momento em que é urgente impedir o desenvolvimento do programa nuclear iraniano, os EUA estão fragilizados, pois ainda não foi possível estabilizar a situação no Iraque e fazer esquecer os ecos dos erros cometidos para justificar a invasão. Embora restem poucas dúvidas sobre a capacidade dos EUA para provocar danos consideráveis no complexo nuclear iraniano através de uma acção militar, os custos associados a essa opção poderão ser demasiado elevados. Uma solução de compromisso, que adie a confrontação para uma altura mais favorável, poderá ser aceite por Washington se forem dadas garantias reais de que o Irão não poderá construir um arsenal nuclear no curto prazo. Para ajudar a viabilizar este processo, a comunidade internacional terá de demonstrar aos EUA os riscos associados a uma opção militar, e que a sua posição dominante poderá sair mais reforçada se conseguir gerir a crise sem recorrer à utilização da força.

## **CONCLUSÃO**

Actualmente, tendo em conta o clima criado em torno do programa nuclear iraniano, as possibilidades de a crise ser resolvida por uma solução negociada parecem cada vez mais remotas e podemos estar a assistir a mais uma contagem decrescente para nova intervenção militar dos EUA num país islâmico. Se a inclusão no «Eixo do Mal», logo após o 11 de Setembro, tornou claro que os norte-americanos consideravam o Irão uma

das principais ameaças à segurança e estabilidade de uma região vital para a economia global, a confrontação directa tornou-se quase inevitável na sequência da invasão do Iraque. Uma mudança de regime em Teerão passou a ser fundamental para a rentabilização do investimento já efectuado, mas enquanto os EUA tentavam implementar o seu modelo de democracia num cenário de violência e destruição, a ala progressista do regime iraniano era afastada da luta política e os círculos do poder passavam a ser disputados entre conservadores e ultraconservadores. Ao endurecimento do regime, exemplarmente representado na troca de Khatami por Ahmadinejad, correspondeu também uma radicalização da política externa, e a tentativa de aproveitar as debilidades momentâneas dos EUA para acelerar o programa nuclear. A nível interno, onde o direito do Irão a desenvolver um programa nuclear é consensual, as pressões externas são habilmente utilizadas para reforçar a coesão nacional e a estabilidade do regime, que aproveita estes períodos para intensificar a repressão dos sectores mais progressistas e inviabilizar qualquer transição pacífica com origem no interior do regime.

As dificuldades que os EUA enfrentam são, em parte, consequência directa das suas próprias políticas nos últimos cinquenta anos. A incapacidade para definir uma política coerente no relacionamento com o Irão, particularmente evidente após a Revolução Islâmica, contribuiu para que fossem desperdiçadas todas as possibilidades de inverter o clima de antagonismo e impediu mesmo o restabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países. Mas, apesar de desejarem a queda do regime iraniano, os EUA nunca foram capazes de favorecer uma alteração tranquila com origem no seu interior, e a actuação recente de Washington tem mesmo contribuído para reforçar o ascendente dos conservadores. Perante a ameaça que representa um Irão dotado de armamento nuclear, ou muito perto de atingir essa capacidade, os EUA sentem necessidade de defender os seus interesses na região, e a possibilidade de um ataque para provocar um considerável atraso no programa é a solução mais provável. Trata-se, no entanto, de uma opção extremamente arriscada, com sérias implicações para a estabilidade de uma zona vital para a economia internacional, e que, sem criar uma clara alternativa política ao regime de Teerão, poderá contribuir para que o Irão aposte definitivamente no desenvolvimento de armamento nuclear. <sup>RI</sup>

SE A INCLUSÃO NO «EIXO DO MAL» TORNOU CLARO QUE OS NORTE-AMERICANOS CONSIDERAVAM O IRÃO UMA DAS PRINCIPAIS AMEAÇAS À SEGURANÇA E ESTABILIDADE DE UMA REGIÃO VITAL PARA A ECONOMIA GLOBAL, A CONFRONTAÇÃO DIRECTA TORNOU-SE QUASE INEVITÁVEL NA SEQUÊNCIA DA INVASÃO DO IRAQUE.

## NOTAS

- <sup>1</sup> SAHIMI, Mohammad – *Iran's Nuclear Program. Part I: Its History* [consultado em 19 de Abril de 2006]. Disponível em: <http://www.payvand.com/news/03/oct/1015.html>.
- <sup>2</sup> KOCK, Andrew, e WOLF, Jeanette – *Iran's Nuclear Facilities: a Profile* [consultado em 20 de Abril de 2006]. Disponível em: <http://www.cns.miis.edu/pubs/reports/pdfs/iranrpt.pdf>.
- <sup>3</sup> ELBARADEI, M. – *Introductory Statement to the Board of Governors* [consultado em 20 de Abril de 2006]. Disponível em: <http://www.iaea.org/NewsCenter/Statements/2006/ebsp2006n003.html#iran>.
- <sup>4</sup> Permanent Mission of the Islamic Republic of Iran to the United Nations – *An Unnecessary Crisis – Setting the Record Straight about Iran's Nuclear Program* [consultado em 20 de Abril de 2006]. Disponível em: <http://www.iran-un.org/announcements.php?ID=2>.
- <sup>5</sup> O golpe de Estado que derrubou Mossadegh após a nacionalização do petróleo e o apoio ao xá, a crise dos reféns e o fracasso da tentativa para os libertar, os raptos no Líbano, o avião comercial iraniano abatido pelos EUA, o apoio logístico aos ataques iraquianos, o bloqueio económico, o Irangate, a política de dupla contenção...

## BIBLIOGRAFIA

- ABEDIN, M. – «Iranian views on regime change in Iraq». In *Middle East Intelligence Bulletin*, vol. 4, n.º 11, Novembro-Dezembro de 2002.
- ALAMDARI, K. – «The power structure of the Islamic Republic of Iran: transition from populism to clientelism, and militarization of the government». In *Third World Quarterly*, vol. 26, n.º 8, 2005, pp. 1285-1301.
- ASSADI, B. – «Iran and the Persian Gulf Security». In *Iranian Quarterly*, vol. 3, n.º 1, Verão de 2001.
- BEHR00Z, M. – «The Islamic state and the crisis of Marja'iyat». In *Iran' in Comparative Studies of South Asia, Africa and the Middle East*, vol. XVI (Q), n.º 2, 1996, pp. 93-100.
- BYMAN, D., CHUBIN, S., EHTESHAMI, A., e GREEN, J. – *Iran's Security Policy in the Post-Revolutionary Era*. RAND Corporation, 2001.
- DIAMOND, L., MCFAUL, M., e MILANI, A. – *Beyond Incrementalism. A New Strategy for Dealing with Iran*. Hoover Institution, Stanford University, 2005.
- INBAR, E. – «The Need to Block a Nuclear Iran». In *Middle East Riview of International Affairs*, vol. 10, n.º 1, Março de 2006, pp. 85-104.
- JONES, Peter – «Iran's threat perceptions and arms control policies». In *The Nonproliferation Review*, Outono de 1998, pp. 39-55.
- ROGERS, P. – *Iran: Consequences of a War*. Oxford Research Group, 2006.
- SAHIM, M. – «Iran's Nuclear Energy Program, part I to VI». In *Payvand's Iran News*, 2003-2005.